

A CONCEPÇÃO BACONIANA DO SABER

Raphaela Cândido Lacerda *

RESUMO: Este artigo tem por objetivo apresentar em linhas gerais o pensamento do Frei Roger Bacon no contexto histórico que o originou. Por meio da leitura de trechos de sua obra *Opus Maius* e do trabalho de alguns críticos e comentadores, procuramos apresentar as bases principais do seu projeto de reforma do homem, da sociedade e da Igreja e os fundamentos da concepção baconiana do saber.

Palavras-chave: saber, moral, reforma, ciência experimental.

SINTESI: Questo articolo ha affinchè l'obiettivo si presenti generalmente allinea il pensiero del Frei Ruggero Bacone nel contesto storico che lo ha prodotto. Per mezzo della lettura di tratti della sua opera *Opus Maius* e del lavoro di alcuni critici e commentatori, cerchiamo per presentare le basi principali del suo progetto della riforma dell'uomo, la società e la chiesa e il fundamento della concezione baconiana di sapere.

Parole-chiave: sapere, morale, riforma, scienza sperimentale.

I Introdução

O século XIII serve muito bem para derrubar a idéia de que o medievo representou um hiato na história da humanidade. Um olhar mais atento para este período pode revelar o surgimento de três acontecimentos importantes: a organização da Universidade com programas definidos, um currículo e exames que precisavam

ser superados por quem almejasse a promoção; a difusão na Europa de textos de autores árabes e da tradução do *Corpo Aristotélico* que passava a ser estudado nas Universidades; a fundação de duas ordens mendicantes: Dominicana e Franciscana, que ao invés de fundarem mosteiros no campo, preferiram a construção de conventos nas cidades e a dedicação dos frades à pregação e não só à contemplação. Outros acontecimentos apontavam para profundas mudanças políticas, sociais e morais e estas já podiam ser percebidas no crescimento da economia mercantil, no nascimento das Monarquias Nacionais e nas denúncias de abusos por parte do clero. Somava-se a isso, a presença ameaçadora de mongóis e sarracenos às portas do Mediterrâneo Oriental como um aceno de que a Europa seria também atingida culturalmente.

Roger Bacon vive neste período (1214-1292) e, portanto é contemporâneo desses acontecimentos e crítico de uma sociedade que conheceu bem, seja como aluno e mestre em Oxford e Paris, seja como leitor de autores árabes e comentador de Aristóteles, seja como frei franciscano da Ordem dos Frades Menores.

Bacon teve o início de sua formação marcado pela forte influência da escola filosófica de Oxford, na pessoa de Roberto de Grossatesta e pela importância que o seu modelo de conhecimento dava à ótica e à astronomia, e ao esforço de conjugar a teologia cristã com a concepção neoplatônica da causalidade como emanção de Deus. Grossatesta defende a redução de todos os fenômenos naturais a um único princípio substancial, *a luz material*, que serve para explicar todos os processos naturais, assim como a luz imaterial – *a iluminação divina* é o princípio de todo conhecimento humano.

O pensamento filosófico de Roger Bacon é marcado pela união da influência do misticismo franciscano à particular atenção aos problemas científicos estudados em Oxford. Resulta daí que para Bacon, espírito científico não é só o uso de um método científico ou o desenvolvimento de um esquema matemático, mas é antes de tudo, um chamado à concreta experiência sensível. Bacon destaca o papel prioritário da investigação científica aceitando o método aris-

* Aluna do Mestrado Acadêmico em Filosofia da Universidade Estadual do Ceará.

totélico indutivo-dedutivo e insistindo que o seu êxito dependia do conhecimento exato e extenso dos fatos.

O seu ingresso à Ordem Franciscana, o que ocorreu por volta de 1255/57, não representou de início, um obstáculo às suas pretensões. Antes disso, pode ser considerado um suporte que possibilitou as condições de tempo e ambiente para a realização de seus estudos. Porém, uma disputa interna na ordem entre os *irmãos simples* que queriam um retorno ao franciscanismo original e os *doutores* que passaram a ocupar os mais altos postos, antes destinados aos simples e iletrados, exigiu de Boaventura, ministro geral da ordem, uma atitude de mediação na tentativa de conservar a unidade. Daí a necessidade de controlar as atividades dos frades, em especial os escritos que pudessem infiltrar filosofias que poriam em risco esta unidade. Esta censura é feita a partir das Constituições Narbonenses de 1260 com as quais nada poderia ser publicado fora da ordem se antes não fosse examinado pelo ministro geral ou pelo provincial.

Roger Bacon apresenta sua intenção de promover uma reforma na organização dos estudos, o que segundo ele, seria fundamental para uma transformação da sociedade cristã, ameaçada principalmente pela própria ignorância. Bacon vê no entanto o seu projeto bloqueado pelas Constituições Narbonesas. Só mais tarde, entre 1264-1268, com o pontificado de Clemente IV, ele pode, em resposta ao pedido do pontífice, enviar-lhe uma carta (Epistola Clementis IV), expondo suas propostas de *reformatio*. É deste período o *Opus Maius*, preâmbulo da grande enciclopédia do saber sonhada por ele.

Decepcionado com o rumo dos acontecimentos e com o esvaziamento do saber, Bacon norteia o seu projeto em dois pontos: primeiro, a necessidade de uma profunda reforma que supere o aspecto fragmentado e particular tão característico das disciplinas singulares e atinja a unidade do saber como *revelação divina*, propondo assim uma teoria sintética de todos os ramos do saber; em segundo lugar, a idéia de que todo o saber está contido nas Sagra-

das Escrituras. Tal reforma deveria se dar como a busca de um sentido moral do saber que pudesse atacar as quatro causas da ignorância apontadas pelo filósofo: 1. a tendência a se valorizar exageradamente certas doutrinas; 2. a aceitação acrítica do princípio da autoridade; 3. o enraizamento de hábitos maus; 4. o apego às próprias opiniões.¹

Fundamentado nesta análise, uma marca de seus escritos é a crítica dura dirigida à concepção de que as autoridades do saber não podem ser questionadas. E suas críticas tinham endereço certo pois atingem os contemporâneos Alessandro de Hales, Alberto Magno e Tomás de Aquino, acusando-os de difundir uma concepção de saber que só serve para repassar as doutrinas dos mestres.

Com a morte do papa Clemente IV (1268), Bacon perdeu o apoio para se dedicar ao seu projeto que, infelizmente nunca chegou a constituir uma enciclopédia do saber tão sonhada por ele. A perspectiva baconiana sobre o mundo científico e filosófico, os seus duros ataques contra a sociedade, a universidade e a Teologia do seu tempo, bem como os estudos de alquimia, astronomia e magia, resultaram em acusações de heresia pelas quais foi possivelmente lançado à prisão e ao isolamento por quatorze anos. E o pior, lançaram o frade inglês e sua obra ao esquecimento, se comparado a outras personalidades da filosofia do medievo, fato que tem dificultado referências mais precisas sobre a sua vida.

II A concepção baconiana de saber

O projeto da enciclopédia das ciências pensado por Bacon tem antes de tudo um aspecto alternativo a tudo o que era produzido pela sociedade de então e estudado nos grandes centros. A sua obra apresenta dois pontos centrais: a eliminação das causas dos erros e a utopia da república dos fiéis. No início de *Opus Maius*, ele

¹ Alessio, F. *Introduzione a Ruggero Bacone*, p. 16.

expõe uma base de saber fundado na revelação, quando diz que “Toda a sabedoria foi revelada por um único Deus, a uma única humanidade, para um único fim. Assim o fundamento de toda sabedoria é a Sagrada Escritura”². Portanto, na concepção baconiana, sabedoria não é um atributo humano, mas fruto da revelação divina, que precisa ser entendida. Bacon explica essa revelação com uma metáfora onde a sabedoria divina seria como um punho fechado que contém tudo e tudo vai revelando, tudo vai sendo aprofundado, recuperado e entendido.

Roger Bacon defende que todo o universo foi envolvido por uma luz de emanção divina que tendo iluminado os homens dos primeiros tempos por via da revelação, ainda pode ser experimentada por nós, por meio da ciência e da graça. Esta luz então se depositou sobre os objetos e os atos a fim de dotá-los de verdade e plena realização.

Coerente à tradição neoplatônica, Bacon defende o tema da iluminação divina do intelecto. É pela iluminação divina que a busca da verdade se torna possível. Neste ponto, o frei franciscano critica duramente a Teologia do seu tempo por julgá-la esvaziada de sabedoria e limitada a interesses puramente especulativos. Era necessária uma transformação da Igreja capaz de combater as ameaças do mal contra a *república cristã* e para tanto, as ciências e a filosofia deveriam se submeter à Teologia.

A reforma proposta por Roger Bacon sugere uma organização unitária de um saber orgânico distribuído em cinco ciências interdependentes a ponto de uma não existir sem a outra. O esquema baconiano prioriza o conhecimento das línguas estrangeiras, como ele justifica no *Opus Maius*:

A primeira ciência da qual é indispensável a posse é a gramática das línguas estrangeiras; (...) de fato toda a Sagrada Escritura foi traduzida do grego e do hebraico, e também a filosofia foi traduzida dessas mesmas línguas e do árabe; mas é

² Ibidem.

impossível que o modo de se exprimir de uma língua se encontre noutra. (...) é necessário que o tradutor conheça profundamente a ciência que quer traduzir e as duas línguas, aquela da qual traduz e aquela na qual traduz.³

As outras ciências destacadas são: a *Matemática*, entendida como sendo o instrumento para o trabalho de todas as ciências; a *Ótica*, ciência que estuda as leis que regem a expansão da luz material, sendo portanto a chave para a explicação de todos os processos naturais; a *Ciência Experimental*, base metodológica para o uso de todas as outras ciências e entendida por ele como uma dupla experiência: externa e interna, dos sentidos e da alma. Por isso, a Ciência Experimental não pode ser reduzida ao experimentalismo físico, mas só pode ser compreendida e explicada a partir da ampla experiência humana, como afirma Frei Silveira: “(...) Para Roger Bacon, a ciência não vale por si mesma, mas é uma força e um instrumento extraordinário para superar aquilo que é negativo na existência e pode viver e ajudar os outros na verdade e na permanente renovação”.⁴ Por último, Bacon destaca a *Moral*, como fundamento da vida e fim para todas as investigações⁵.

Bacon também propõe uma mudança na estrutura disciplinar das universidades e ao invés do *Trivium* e o *Quadrivium*⁶ tradicionais, priorizou o *Quadrivium*. “Remeteu a Retórica para a Filosofia Moral; a Lógica para a Música e a Matemática. Deixou apenas a Gramática, como filologia, importante para todas as ciências”. Faz ainda uma distinção entre as ciências especulativas (aquelas que se prestam à contemplação da verdade): gramática, lógica, filosofia da natureza, metafísica; e ciências práticas (aquelas que se prestam à

³ Ibidem.

⁴ Silveira, *Roger Bacon, doutor admirável*, p. 16.

⁵ Reegen, J. G. J. ter. Introdução a Bacon, R. *Obras escolhidas*, p. 29-30.

⁶ Trivium (Gramática, Retórica e Lógica); Quadrivium (Aritmética, Geometria, Música, Astronomia).

ação): alquimia, medicina, filosofia moral, teologia e direito canônico. A matemática, ele classifica como prática e especulativa, por ser a chave de todas as ciências.

Para Roger Bacon a justificativa última das ciências se encontra na moral, seja esta entendida filosoficamente ou teologicamente. No *Opus Maius* ele afirma que:

a moral é, filosoficamente, o vértice da sabedoria humana, é a ciência prática e guia o homem à salvação que ele aspira segundo suas forças e seus limites; a teologia é divinamente a ciência prática por excelência, já que a ela compete diretamente a salvação do homem⁷.

O pensador não propõe um conflito entre teologia e filosofia moral, mas aponta para um confronto entre uma teologia como fim em si mesma e uma reforma teológica exigida pelo desenrolar dos acontecimentos. A verdade sendo uma só é conteúdo idêntico tanto à filosofia quanto à teologia, no entanto, a aproximação com a verdade se daria por duas vias: a filosófica, onde a verdade se explicita progressivamente; e a teológica, onde a verdade é presente integralmente.

A completa filosofia foi revelada por Deus, sendo necessária à luz divina por ser a filosofia especulativa o conhecimento do Criador através de suas criaturas, e a filosofia moral, responsável por estabelecer a dignidade da moral, ou seja, das leis, do culto a Deus e por persuadir o homem de que a sua futura felicidade está em seu poder.⁸ Tendo, o saber filosófico, para ele, quatro fins: 1. permite adquirir qualquer outro saber; 2. pode ser dirigido a um fim naturalmente bom; 3. é utilíssimo se aplicado à teologia; 4. pode ser posto a serviço da Igreja contra seus inimigos

⁷ Ciappina, S. *Teologia e Filosofia Morale in San Bonaventura e Ruggero Bacone*, . p. 35.

⁸ Silveira, *Roger Bacon, doutor admirável*, p. 18.

Bacon entendia que, sendo o conhecimento, antes de qualquer coisa, um instrumento para combater o mal, seria também o mais confiável para criar sobre a terra a sociedade cristã reformada. O saber, portanto, deveria se prestar à organização da Igreja, à organização dos reinos cristãos, à conversão dos infiéis, à repressão aos maus. O saber seria então instrumento da moral, devendo o intelecto especulativo se dedicar à busca da verdade.

A Filosofia moral aparece para o filósofo como uma mescla de Filosofia e Teologia onde ele busca tratar das relações do homem com Deus, das questões da ética e da verdade do cristianismo. O primado da moral no esquema baconiano se justifica se entendermos que para ele de nada adianta uma reforma intelectual se esta não for acompanhada de uma reflexão moral capaz de promover uma renovação ética de toda a sociedade, partindo das instituições da Igreja, constantemente ameaçadas pela corrupção dos costumes. Cabe à filosofia moral a tarefa de apresentar ao homem o sentido de sua vida, seja na dimensão individual, seja nas dimensões social e política, e este sentido é a busca pela felicidade.

III Conclusão

As questões tratadas por Roger Bacon em sua obra, quais sejam: o interesse pela reforma da cristandade, a reorganização do reino cristão (*respublicae fidelum*), a conversão dos infiéis (*conversio infidelium*), a repressão dos maus (*repressio reproborum*); o interesse pela alquimia, pela astronomia, pelo conhecimento das línguas e pela matemática, apontam para o perfil de um homem da Igreja, mas também para um homem da ciência, que procurou conciliar o espírito místico e o cientista pragmático, que esteve à frente do seu tempo, seja na crença das possibilidades de inovações técnicas; seja na sua luta contra uma aristocracia do saber que difundia que este era privilégio de uns poucos iluminados; seja na apresentação de uma idéia de saber interdisciplinar, visão inovadora para o nosso próprio tempo, já que ainda não foi efetivada nos nossos currículos

acadêmicos; seja na sua certeza de ser o conhecimento uma experiência pessoal, uma luz que é comunicada ao mais íntimo do indivíduo e possível a todos os que queiram por ela ser iluminados.

Bibliografia

ALESSIO, Franco. *Introduzione a Ruggero Bacone*. Roma-Bari: Laterza, 1985.

BACON, Rogério. *Obras escolhidas*. Introdução de Jan G. ter Reegen; Tradução de Jan G. ter Reegen, Luís A. De Boni, Orlando A. Bernardi; Revisão de Carlos Arthur R. do Nascimento, Luís A. De Boni, Orlando Bernardi. Porto Alegre: EDIPUCRS, Bragança Paulista: EDUSF: 2006.

BETTETINI, Maria et al. *Filosofia Medievale*. Milano: Raffaello Cortina Editore, 2004.

CIAPPINA, Silvia. *Teologia e Filosofia Morale in San Bonaventura e Ruggero Bacone*. In: <http://silvia.ciappina.tripod.com/index.htm>.

SILVEIRA, Ildefonso. *Roger Bacon, doutor admirável. Frade, mago, embusteiro? ... Gênio visionário?* Bragança Paulista: EDUSF, 1996.

NASCIMENTO, Carlos Arthur Ribeiro do. *O que é Filosofia Medieval*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.